

SARAH MACLEAN

Autora Vencedora do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico

A AUTORA
ROMÂNTICA
PREFERIDA
das leitoras
portuguesas!

A Noiva do Bastardo

TOP
SEL
LER

«Mistério, intriga e muito humor numa história comovente e repleta de personagens encantadoras e inesquecíveis.»

Publishers Weekly

Para o meu pai,
o primeiro a saber dos meus
senhores do crime de Covent Garden,
mas que nunca chegou a conhecê-los.

*Grazie mille, Papà.
Ti voglio tanto bene.*

Prólogo

O Passado



Os três estavam ligados muito antes de o saberem, numa trama de aço e seda que nunca poderia ser desfeita — nem quando o destino insistisse em fazê-lo.

Irmãos, nascidos no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo minuto, mas de mulheres diferentes. Uma cortesã cara. Uma costureira. A viúva de um soldado. Nascidos no mesmo dia, à mesma hora, no mesmo minuto, filhos do mesmo homem.

O duque, pai de todos eles, cuja arrogância e crueldade o destino puniria sem hesitação, roubando-lhe a única coisa que queria e que o seu dinheiro e poder não conseguiriam comprar — um herdeiro.

Eram os Idos de Março, avisavam os videntes, com a sua promessa de traição e vingança, de mutável fortuna e providência inalienável. Mas, para este cavalheiro — que sempre fora apenas isto, e nunca um pai — os Idos de Junho é que seriam a sua ruína.

Porque no mesmo dia, à mesma hora, no mesmo minuto, uma quarta criança nascera de uma quarta mulher. Uma duquesa. E fora a este nascimento — o nascimento que todos pensavam legítimo — que o duque assistira, mesmo sabendo que o filho que seria o herdeiro do seu nome, fortuna e futuro não era seu, mas, mesmo assim, prevalecia como a sua única esperança.

Porém, era uma filha.

E assim que veio ao mundo, roubou o futuro de todos eles, tão poderosa na sua infância como seria na idade adulta. Mas a história dela será contada noutro momento.

A história começa com os rapazes.

Capítulo 1

O Presente



Maio de 1837

Devil perfilava-se no exterior de Marwick House, debaixo da sombra negra de um velho ulmeiro, e observava o seu irmão bastardo, que se encontrava dentro de casa.

As velas tremeluzentes e os vidros manchados distorciam os foliões do salão de baile, transformando a multidão no seu interior — aristocratas e gente de dinheiro — numa massa de movimento indiscernível, que lembravam a Devil a maré do Tamisa a encher e a vaziar, lustrosa com o óleo e o mau cheiro.

Corpos sem rosto — homens escuros com trajas formais e mulheres cintilantes nas suas sedas e cetins — passavam juntos, quase incapazes de se moverem com os pescoços inclinados e os leques que abanavam e a má-língua e a especulação através do ar estagnado do salão de baile.

E no centro, o homem que estavam desesperados por ver — o duque ermita de Marwick, cintilante e novo, apesar de ter herdado o título depois da morte do pai. Depois da morte do pai de *todos* eles.

Não. Não o pai. O senhor.

E o novo duque, jovem e bem-parecido, regressou como o filho pródigo de Londres — muito mais alto do que todos os outros, louro, com um rosto de pedra, e com os olhos ambarinos de que os Duques de Marwick se gabavam havia gerações. Forte, solteiro e tudo aquilo que a aristocracia queria que ele fosse.

E nada do que a aristocracia acreditava que ele fosse.

Devil podia imaginar os murmúrios ignorantes que passavam pelo salão de baile.

Porque haveria um homem tão proeminente de viver como um eremita?

O que importa, uma vez que é um duque?

Pensas que os boatos são verdadeiros?

O que importa, uma vez que é um duque?

Porque será que nunca veio à cidade?

O que importa, uma vez que é um duque?

E se for tão louco como dizem?

O que importa, uma vez que é um duque?

Soube que andava à procura de herdeiro.

Foi este último comentário que retirou Devil da escuridão.

Havia um acordo, feito vinte anos antes, quando eram três irmãos de armas. E embora muito tivesse acontecido desde esse acordo ter sido forjado, algo se mantivera sacrossanto: ninguém renegava um acordo com Devil.

Pelo menos sem ter um castigo.

E assim Devil esperou com paciência infinita nos jardins da residência de Londres dos Duques de Marwick pelo terceiro a chegar. Tinham passado décadas desde que ele e o irmão, Whit — conhecidos nos cantos mais infames de Londres como os bastardos Bareknuckle — haviam visto o duque. Décadas desde que se haviam escapado do ducado pela calada da noite, deixando atrás de si segredos e pecados, para construir um reino próprio de segredos e pecados, mas de um tipo diferente.

Porém, havia duas semanas, os convites chegavam às casas mais extravagantes de Londres — às que tinham os nomes mais respeitáveis — ao mesmo tempo que os criados haviam chegado a Marwick House armados até aos dentes com espanadores e cera, ferros e estendais.

Na semana anterior tinham sido entregues caixotes com velas e panos, batatas e vinho do porto, e meia dúzia de sofás para o enorme salão de baile de Marwick, cada um deles estava agora enfeitado pelas saias das senhoras mais elegíveis de Londres.

Três dias antes, o *News of London* chegara à sede dos Bastardos em Covent Garden e nele, na quarta página, um título em tinta borrada declarava: «O Misterioso Marwick Vai Casar?»

Devil dobrara cuidadosamente o jornal e deixara-o na secretária de Whit. Quando regressara ao seu espaço de trabalho na manhã seguinte, uma faca de arremesso cravava o jornal na madeira.

E foi assim que ficou decidido.

O irmão, o duque, regressara, aparecendo sem aviso neste local, preparado para homens bons e cheio dos piores, na terra que herdara quando reclamara o título numa cidade que eles tinham feito sua e, ao fazê-lo, demonstrara a sua ganância.

Mas a ganância neste local, nesta terra, não era permitida.

Por isso Devil esperava e vigiava.

Longos minutos depois, o ar agitou-se e Whit apareceu junto dele, silencioso e destrutivo como um reforço militar, o que era apropriado, pois aquilo parecia uma guerra.

— Mesmo a tempo — disse Devil em voz baixa.

Um grunhido.

— O duque procura noiva?

Um aceno na escuridão.

— E herdeiros?

Silêncio. Não era ignorância, mas sim raiva.

Devil viu o irmão bastardo mover-se através da multidão e dirigir-se para o extremo oposto do salão de baile, de onde um escuro corredor se estendia para os interiores da casa. Foi a sua vez de assentir.

— Terminamos antes que comece. — Pegou na bengala de ébano com uma cabeça de leão de prata, já gasta pelo uso, mas que se adaptava perfeitamente à sua mão. — Completamente, para que provoque danos suficientes e não possa seguir-nos.

Whit assentiu, mas não disse em voz alta o que ambos pensavam — que o homem a que Londres chamava Robert, Duque de Marwick, o rapaz que haviam outrora conhecido como Ewan, era mais animalesco que aristocrata e o único homem que alguma vez estivera próximo de os derrotar. Mas isso fora antes de Devil e Whit terem passado a ser os Bastardos Bareknuckle, os Reis de Covent Garden, e aprendido a manejar as armas com precisão para enfrenarem quem os ameaçasse.

Nessa noite, mostrar-lhe-iam que Londres era o seu território e devolvê-lo-iam ao campo. Era apenas uma questão de entrarem e de o fazerem — recordando-lhe aquela promessa que tinham feito havia muito.

O Duque de Marwick não teria herdeiros.

— Boa caçada. — As palavras de Whit surgiram num grunhido baixo, numa voz entrecortada pela falta de uso.

— Boa caçada — replicou Devil, e os dois moveram-se num silêncio eficiente para a sombra escura da comprida varanda, sabendo que teriam de agir rapidamente para evitar serem vistos.

Devil trepou à varanda com uma graciosidade fluida, e saltou por cima da balaustrada, aterrando silenciosamente na escuridão. Whit seguiu-o. Dirigiram-se à porta, sabendo que a estufa estaria fechada e interdita aos visitantes, transformando-se numa entrada perfeita para a casa. Os Bastardos trajavam formalmente — preparados para se misturarem com a multidão até encontrarem o duque e desferirem o golpe.

Marwick não seria o primeiro nem o último aristocrata a ser castigado pelos Bastardos Bareknuckle, mas Devil e Whit nunca tinham desejado tanto aplicar uma punição.

A mão de Devil mal tocara no puxador da porta, quando este girou sob o seu toque. Soltou-o imediatamente, recuou e desapareceu na escuridão, enquanto Whit voltava a saltar da varanda para a relva, sem emitir um som.

E depois apareceu a jovem.

Fechou rapidamente a porta atrás de si, como se pudesse impedir que outros a seguissem com pouco mais do que força de vontade.

Devil achou estranho, mas pensou que ela seria capaz de o fazer.

Parecia exausta, com a cabeça encostada à porta e o seu longo pescoço pálido iluminado pelo luar. O seu peito subia e descia enquanto descansava a mão enluvada sobre a pele por cima do vestido e oculta pela sombra, como se pudesse acalmar a respiração entrecortada. Anos de observação revelaram que os movimentos dela não eram ensaiados, mas naturais — não sabia que estava a ser observada. Não sabia que não estava só.

O tecido do vestido cintilava ao luar, mas estava demasiado escuro para se poder ver de que cor era. Azul, talvez. Verde? A luz fazia-o parecer prateado nalguns sítios, preto noutros.

Luar. Parecia estar coberta pelo luar.

A estranha observação aconteceu enquanto ela se movia para a balaustrada de pedra e, por um segundo breve e estranho, Devil pensou em passar para a luz, para a ver melhor.

Isto é, até que ouviu o canto suave e baixo de um rouxinol — Whit a acautelá-lo, recordando-o do plano, com o qual a jovem nada tinha a ver. Só que impedira que o pusessem em ação.

Ela não sabia que o pássaro não era pássaro e voltou o rosto para o céu, descansou as mãos no parapeito de pedra, soltou um longo suspiro e com ele a sua tensão. Descontraiu os ombros.

Fora perseguida até ali.

Algo desagradável o percorreu ao pensar que ela fugira para uma sala escura e para uma varanda ainda mais escura, onde um homem esperava, um homem que poderia ser pior do que o que estava lá dentro. E depois, como um tiro nas trevas, a jovem soltou uma gargalhada. Devil endireitou-se, com os músculos dos ombros tensos e apertou na mão o castão de prata da bengala.

Precisou de toda a sua força de vontade para não se aproximar dela. Recordar que estivera anos à espera daquele momento — havia tanto tempo que mal se lembrava de não estar preparado para combater contra o irmão.

Não ia permitir que uma mulher o desviasse do seu curso. Nem sequer a conseguia ver bem, mas, mesmo assim, não conseguia desviar os olhos.

— Alguém lhes deveria dizer como eram horríveis — disse ela em direção ao céu. — Alguém se deveria ter dirigido a Amanda Fairfax, para lhe dizer que ninguém acredita que aquele sinalinho seja verdadeiro. E também dizer a Lorde Hagin que fede a perfume e que seria melhor tomar um banho.

» E gostaria de recordar amavelmente a Jared o momento em que foi parar de costas ao lago, durante uma festa na casa de campo da minha mãe e teve de se aproveitar da *minha* bondade para lhe conseguir roupas secas, sem que ninguém o visse.

Fez uma pausa, o suficiente para Devil pensar que ela estava farta de falar para o ar.

Mas não. A jovem continuou.

— E a Natasha tem de ser tão *desagradável*?

— É o melhor que sabe fazer?

Ele próprio ficou chocado com as palavras, não seria o momento de responder a quem falava sozinha na varanda.

Whit também ficou chocado, se é que o canto rouco do rouxinol que imediatamente se seguiu fosse disso indicação.

Mas chocou a jovem ainda mais.

Com um gritinho de surpresa, ela voltou-se para ele, erguendo a mão acima da linha do decote do corpete. E de que cor seria esse corpete? O luar continuava a ludibriá-lo, impedindo-o de o ver.

A jovem inclinou a cabeça e semicerrou os olhos na sombra.

— Quem está aí?

— Era o que eu queria saber, minha querida, tendo em conta o tempo que estive a falar sozinha.

A expressão da jovem tornou-se aborrecida.

— Estava a falar comigo mesma.

— E não conseguiu encontrar um insulto melhor para essa tal Natasha senão «desagradável»?

A jovem avançou para ele, depois pareceu pensar duas vezes antes de se aproximar de um desconhecido na escuridão. Deteve-se.

— Como descreveria Natasha Corkwood?

— Não a conheço, por isso não sei. Mas tendo em conta que repreendeu a higiene do Hagin e fez ressurgir os antigos embaraços do Faulk, certamente Lady Natasha não merecerá um nível de criatividade semelhante?

A jovem ficou a olhar para as sombras durante um longo minuto, fixando o olhar num ponto, algures por cima do seu ombro esquerdo.

— Quem é o senhor?

— Ninguém que lhe interesse.

— Como se encontra numa varanda às escuras, num aposento desocupado da casa do Duque de Marwick, creio que deve tratar-se de um homem importante.

— Pensando dessa maneira, a senhora será também muito importante.

O riso dela foi ruidoso e inesperado e surpreendeu-os a ambos. Depois abanou a cabeça.

— Poucos concordariam consigo.

— Raramente me interessam as opiniões alheias.

— Então não deve ser membro da alta sociedade — replicou em tom seco. — As opiniões dos outros são como ouro aqui. Excessivamente apreciadas.

Quem seria ela?

— Porque estava na estufa?

Ela pestanejou.

— Como sabe que se trata de uma estufa?

— Faz parte dos meus deveres saber as coisas.

— Acerca de casas que não lhe pertencem?

Esta casa foi quase minha há muito tempo. Resistiu a pronunciar as palavras.

— Ninguém estava a usar este aposento. Porque se encontra aqui?

Ela ergueu um ombro e deixou-o descair.

Foi a vez de ele fazer má cara.

— Veio encontrar-se com um homem?

Ela abriu muito os olhos?

— Desculpe?

— As varandas escuras são excelentes locais para encontros amorosos.

— Não fazia ideia.

— Acerca das varandas, ou dos encontros amorosos?

Não que quisesse saber.

— Francamente, de nenhuma das coisas.

Ele não devia ter ficado tão satisfeito com a resposta.

— Acreditaria se lhe dissesse que gosto muito de estufas? — continuou ela.

— Nem por isso — respondeu ele. — Além do mais, a estufa está interdita.

Ela inclinou a cabeça.

— Ah sim?

— A maior parte das pessoas sabe que os quartos escuros são interditos.

Ela acenou com a mão.

— Não sou muito inteligente. — Ele também não acreditou. — Mas poderia fazer-lhe a mesma pergunta, sabe?

— Qual? — Não lhe agradava o rumo que ela dava à conversa, dirigindo-a na sua direção.

— Veio aqui para um encontro amoroso?

Por um estranho momento, teve uma visão do encontro amoroso que poderiam ter aqui no fim do verão. Do que ela lhe permitiria fazer-lhe, enquanto metade de Londres dançava e coscuvilhava fora do alcance de ambos.

Ou do que ele lhe permitiria fazer-lhe.

Imaginou-se a levantá-la na pedra da balaustrada, a descobrir a sensação da sua pele, o cheiro dela. A descobrir os sons de prazer que ela faria. Suspiros? Gritos?

Deteve-se. Aquela mulher, com o seu rosto e corpo vulgares, que falava sozinha, não era o tipo de mulher que geralmente Devil imaginava encostar a uma parede. Que se passaria com ele?

— Tomo o seu silêncio como um sim. E fica então à vontade para o seu encontro, senhor. — Começou a percorrer a varanda para se afastar dele.

Ele devia deixá-la ir.

Porém, exclamou.

— Não tenho qualquer encontro.

De novo o rouxinol. Mais rápido e ruidoso do que antes. Whit estava enfadado.

— Então, porque está aqui? — perguntou a mulher.

— Talvez pela mesma razão que a menina, minha querida.

Ela sorriu de forma afetada.

— Custa-me acreditar que seja um solteirão idoso que se tenha sentido obrigado a esconder-se depois daqueles a quem chamava amigos terem troçado de si.

Pois, tal como adivinhara. A jovem fora perseguida.

— Tenho de concordar que a descrição não parece ser a minha.

Ela encostou-se à balaustrada.

— Venha para a luz.

— Receio não poder fazê-lo.

— Porque não?

— Porque não deveria estar aqui.

Ela encolheu levemente os ombros.

— Nem eu.

— A senhora não devia estar na *varanda*, eu não devia estar nesta *propriedade*.

Os lábios dela formaram um pequeno O.

— Quem é o senhor?

Ele ignorou a pergunta.

— Porque é que diz que é solteirona? — Não que isso lhe importasse.

— Não sou casada.

Ele resistiu ao desejo de sorrir.

— Mereci a resposta.

— O meu pai dir-lhe-ia que fosse mais específico com as suas perguntas.

— Quem é o seu pai?

— Quem é o *seu*?

Ela não era a mulher menos obstinada que ele conhecia.

— Não tenho pai.

— Todos temos pai — afirmou ela.

— Não um pai que queiramos reconhecer — respondeu ele com uma calma que não sentia. — Portanto, voltamos ao princípio: Porque diz que é solteirona?

— Ninguém quer casar comigo.

— Porque não?

A resposta franca foi instantânea.

— Eu não... — Deteve-se abrindo as mãos e ele teria dado toda a sua fortuna para ouvir o resto, principalmente porque a jovem recomeçou, mas de modo diferente a enumerar as razões, contando-as pelos enormes dedos enluvados.

— Fiquei na prateleira.

Não lhe parecia velha.

— Sou feia.

Feia ocorrera-lhe que fosse, mas não era feia. Nem por isso. De facto, poderia até ser o oposto de feia.

— Desinteressante.

Não era verdade. De forma alguma.

— Fui rejeitada por um duque.

Aquilo ainda não era toda a verdade.

— E esse foi o maior problema?

— Aí é que está — respondeu ela. — Embora pareça injusto, pois o duque em questão nunca fez tenções de casar comigo.

— Porque não?

— Porque estava loucamente apaixonado pela mulher.

— Foi uma infelicidade.

— Para ela não. — Voltou-lhe as costas, para mais uma vez olhar para o céu. — Para ela não.

Devil nunca na vida quisera abordar tanto aquela situação. Mas manteve-se na sombra, encostado à parede, a observá-la.

— Se por todas essas razões não vai poder casar, porque desperdiça o seu tempo num sítio como este?

Ela deu uma pequena gargalhada, um som baixo e encantador.

— O senhor não sabe? O tempo de qualquer mulher solteira é bem empregado junto de cavalheiros solteiros.

— Então, não perdeu a esperança de arranjar marido.

— A esperança é eterna — respondeu.

Ele quase riu de palavras tão secas. Quase.

— E então?

— É difícil, pois neste momento, a minha mãe tem rigorosas exigências em relação aos meus pretendentes.

— Por exemplo?

— Que respirem.

Ele riu-se. Soltou uma única gargalhada, rouca e completamente espantada.

— Com uns padrões tão elevados, não me surpreende que tenha tido dificuldades.

Ela sorriu com uns dentes muito brancos a brilharem ao luar.

— É um espanto que o Duque de Marwick não tenha feito tudo e mais alguma coisa para me apanhar, bem sei.

Irritado, ele recordou imediatamente a incumbência que o levava ali naquela noite.

— A senhora anda atrás do Duque de Marwick.

Só por cima do meu cadáver.

Ela acenou com a mão.

— Anda a minha mãe, como andam todas as mães em Londres.

— Dizem que é louco — comentou Devil.

— Só porque não imaginam como pode uma pessoa querer viver fora da sociedade.

Marwick vivia fora da sociedade porque havia muito fizera um pacto para não mais viver dentro dela. Mas Devil não a esclareceu.

— Mal o viram — preferiu dizer.

O sorriso dela tornou-se irónico.

— Viram-lhe o título. E é bonito como o pecado. Não é por ser eremita que um duque não faz uma duquesa.

— Isso é ridículo.

— É o mercado dos casamentos — fez uma pausa. — Mas não importa. Não sirvo para ele.

— Porque não? — Também não se importava.

— Porque não sirvo para os duques.

Porque diabo não serviria?

Não formulou a pergunta, mas, mesmo assim, ela respondeu, de forma natural, como se falasse para uma sala cheia de damas, à hora do chá.

— Houve um tempo em que pensava que talvez servisse. — Falava mais para si própria do que para ele. — Depois... — encolheu os ombros. — Não sei o que se passou. Creio que todas as outras coisas. Ser feia, desinteressante, a idade, ficar para tia, solteirona — riu-se com a lista de palavras. — Creio que não deveria ter namoriscado a pensar que arranjaría marido, quando tal não aconteceu.

— E agora?

— Agora — declarou ela com resignação. — Agora a minha mãe procura alguém vivo.

— E a senhora o que procura?

O rouxinol de Whit ecoou na escuridão e ela replicou a seguir ao som.

— Nunca ninguém me perguntou tal coisa.

— E então? — Insistiu ele sabendo que não deveria fazê-lo. Sabendo que deveria deixar a jovem naquela varanda e abandoná-la ao futuro que tivesse de ter.

— Eu... — Ela olhou para a casa, para a estufa escura, para o corredor que se lhe seguia e para o salão de baile mais atrás. — Desejava fazer de novo parte de tudo aquilo.

— De novo?

— Houve um tempo... — começou, mas deteve-se. Abanou a cabeça. — Não importa. O senhor terá coisas mais importantes a fazer.

— Tenho, mas como não posso fazê-las enquanto a menina aqui estiver, estou desejoso de a ajudar a resolver esse assunto.

Ela sorriu.

— O senhor é divertido.

— Nunca ninguém concordaria consigo.

O sorriso dela alargou-se.

— Raramente me interessam as opiniões alheias.

A ele não lhe escapou o eco das palavras que pronunciara um pouco antes.

— Nem por um segundo acredito.

Ela acenou com a mão.

— Houve um tempo em que fiz parte daquilo. Estive até no centro. Fui incrivelmente popular. Todos desejavam conhecer-me.

— E o que aconteceu?

Ela abriu mais uma vez as mãos, num movimento que começava a ser familiar.

— Pois não sei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Não sabe o que a fez ficar para tia?

— Não — respondeu ela em voz baixa num tom confuso e triste. — Vá lá que tenho sobrinhos. Depois um dia — encolheu os ombros. — Aconteceu. Fiquei de fora. Por isso quando me pergunta o que procuro...

Ela sentia-se só, e Devil sabia o que era a solidão.

— Quer voltar a entrar.

Ela soltou uma pequena gargalhada desesperada.

— Ninguém volta a entrar, pelo menos sem um casamento para toda a vida.

Ele assentiu.

— Um duque.

— Uma mãe tem direito a sonhar.

— E a senhora?

— Quero voltar a entrar. — Mais um som de aviso da parte de Whit e a jovem olhou para trás.

— Um rouxinol muito insistente.

— Está irritado.

Ela inclinou a cabeça, curiosa, mas como ele não a esclarecesse, acrescentou:

— Vai dizer-me o seu nome?

— Não.

Ela fez um gesto de assentimento.

— Suponho que seja melhor, pois só vim cá fora para ter um momento sossegada, longe dos sorrisos desdenhosos e comentários trocistas. — Apontou para uma parte mais estreita da varanda. — Vou para ali procurar um esconderijo como deve ser e o senhor pode continuar aqui amuado, se quiser.

Ele não respondeu, pois não soube bem como fazê-lo e duvidou que dissesse o que devia.

— Não direi a ninguém que o vi — acrescentou ela.

— Não me viu — confirmou ele.

— Terá então o benefício adicional de ser a verdade — acrescentou ela, amável.

Outra vez o rouxinol. Whit não confiava nele junto daquela mulher.

E talvez não devesse.

Ela fez-lhe uma pequena reverência.

— Bom, parte então para as suas maldosas ocupações?

O gesto dos músculos em redor dos lábios dele era pouco familiar.

Um sorriso.

Nem se lembrava da última vez que sorrisa. Aquela mulher desconhecida provocara-o, como uma feiticeira.

A jovem desapareceu antes que ele pudesse replicar, as saias desvaneceram-se na luz que havia à esquina. Precisou de se conter para não a seguir. Para lhe avistar a cor do cabelo, o tom da sua pele, o brilho dos seus olhos.

Continuava sem saber a cor do vestido que envergava.

Bastava que a seguisse.

— Dev.

O seu nome fê-lo regressar ao presente. Olhou para Whit que, mais uma vez, se encontrava a seu lado na varanda escondido nas sombras.

— Então? — perguntou Whit. Era tempo de regressarem ao plano. Ao homem com quem tinham jurado acabar se voltasse a pôr os pés em Londres. Se tentasse reclamar o que outrora roubara. Se alguma vez pensasse em quebrar esse juramento de décadas.

E acabaria com ele. Mas não seria com os punhos.

— Vamos, meu irmão — murmurou Whit. — Já!

Devil abanou a cabeça uma vez com o olhar fixo no local onde tinham desaparecido as saias da misteriosa mulher.

— Não. Ainda não.

Capítulo 2



O coração de Felicity Faircloth batera acelerado durante tanto tempo que pensou que talvez necessitasse de um médico. Batia desenfreado desde que se escapara do cintilante salão de baile de Marwick House e começara a olhar para a porta fechada que tinha diante de si, ignorando o quase irresistível desejo de levar a mão à coifa para dela retirar um gancho do cabelo.

Sabendo que de forma alguma deveria extrair um gancho. Sabendo que de forma alguma deveria extrair dois — nem inseri-los na fechadura a 15 centímetros de distância e remexer pacientemente as peças do seu interior.

Não nos podemos dar ao luxo de ter outro escândalo.

Escutava as palavras do irmão gêmeo, Arthur, como se este estivesse ali ao seu lado. Pobre Arthur, desesperado para poder passar a sua irmã solteira — aos 27 anos, como tal, solteirona — para os cuidados de outro homem, mais disposto a isso. Pobre Arthur, cujas preces nunca seriam atendidas — nem sequer se ela deixasse de abrir fechaduras.

Mas Felicity ouvia também outras palavras. Os comentários trocistas. Os nomes. Felicity Largada. Felicity Estéril. E o pior... Felicity Acabada.

Porque está ela aqui?

Certamente não acredita que alguém a escolherá.

O seu pobre irmão, desesperado por vê-la casada.

... *Felicity Acabada*.

Noutros tempos, uma noite como aquela teria sido o sonho de Felicity — um duque na cidade, um baile de boas-vindas, a promessa de um possível noivado com um solteiro novo, bem-parecido, elegível. Teria sido perfeito. Vestidos e joias, grandes orquestras, bisbilhotice, cartões de dança¹ e champanhe. Felicity mal teria espaço livre para mais uma dança no seu cartão, e, se o tivesse, seria por o ter ocupado ela mesma para poder desfrutar do seu lugar naquele mundo cintilante.

Mas tudo isso acabara.

Agora evitava os bailes sempre que podia, sabendo que lhe ofereceriam horas de espera junto às paredes do salão em vez de danças. E havia o embaraço que surgia sempre que esbarrava com uma das suas antigas amigas. A recordação do que fora rir com elas, mostrar-se prepotente com elas.

Mas não havia maneira de evitar um baile dado por um elegantíssimo duque, por isso enfiara-se num velho vestido e na carruagem do irmão e permitira ao pobre Arthur que a arrastasse até ao salão de baile de Marwick. E desaparecera quando ele se voltara para o outro lado.

Felicity fugira por um corredor escuro, com o coração acelerado e retirara os ganchos da coifa para os dobrar com todo o cuidado e inserir um após outro na fechadura. Ao ouvir um pequeno estalo e sentir a fechadura saltar como uma antiga e encantadora amiga, o coração ameaçara saltar-lhe do peito.

E pensar que toda aquela aflição fora antes de ter conhecido o homem. Embora *conhecer* também não fosse precisamente a palavra correta.

Fora uma coisa mais parecida com *experimental*. O momento em que falara, o tom baixo da voz dele envolvendo-a como seda no ar escuro da primavera, enquanto a tentara como algo imoral.

Sentiu-se corar quando se recordou do modo que ele parecera atraí-la, como se estivessem ligados por um fio. Como se ele a pudesse puxar para si e ela não oferecesse resistência. Ele fizera

¹ O cartão de dança é um cartão dobrado ou um livro de pequeno tamanho, ornamentado, e que era usado nos bailes no século XIX e início do século XX pelas senhoras, que aí registavam os nomes dos cavalheiros com quem dançariam. [N. T.]

mais do que atraí-la. Extraíra-lhe a verdade e ela oferecera-lha com toda a facilidade. Felicity catalogara os seus defeitos como se fossem a mudança de tempo. Quase confessara tudo, mesmo o que nunca confessara a ninguém. Aquilo que guardava na escuridão. Mas não fora uma confissão. Parecera-lhe que ele já sabia tudo. Talvez soubesse. Talvez não fosse um homem na escuridão, talvez fosse a própria escuridão. Efêmera, misteriosa e tentadora — mais tentadora do que a luz do dia sob a qual brilham e são impossíveis de ocultar defeitos, marcas e erros.

A escuridão sempre a tentara. As fechaduras. Os obstáculos. O impossível. Era esse o problema, claro. Felicity queria sempre o impossível. E não era o tipo de mulher que o recebesse.

Mas e quando aquele homem misterioso sugerira que ela era uma mulher muito importante? Por momentos acreditara nele. Como se não fosse ridícula a ideia de que Felicity Faircloth — simples, filha solteira do Marquês de Bumble, rejeitada por vários pretendentes devido à sua má sorte e por ser pouco adequada para este baile em que um belo duque, perdido há muito tempo, procurava mulher — pudesse ganhar o dia.

Impossível.

Por isso regressara aos seus antigos hábitos e tropeçara na escuridão porque tudo parecia assim mais possível do que na luz fria e abrasiva. E também ele parecera percebê-lo, esse desconhecido. O suficiente para quase não o ter deixado nas sombras. O suficiente para quase ter ido lá ter com ele. Porque nesses poucos e fugazes momentos perguntara a si própria se seria para aquele mundo que desejaria regressar e não para outro, novo e escuro onde pudesse começar de novo. Onde pudesse ser outra pessoa que não a Felicity Acabada, solteirona. E o homem da varanda aparentara poder proporcionar-lhe isso mesmo.

O que era obviamente uma loucura. Uma mulher não fugia com um estranho que acabava de conhecer numa varanda. Em primeiro lugar, era assim que uma pessoa era assassinada. Em segundo, a mãe *nunca* aprovaria. Depois, havia Arthur. Pobre Arthur, solene, perfeito como o seu *Não nos podemos dar ao luxo de ter outro escândalo*. E assim ela fizera o que se fazia depois de um momento de loucura na escuridão; voltara as costas e procurara a luz, ignorando a sensação de arrependimento ao virar a esquina da imponente

fachada de pedra para entrar no brilho do salão de baile, para além das enormes janelas onde toda a cidade de Londres girava e rodo-piava, ria e coscuvilhava competindo para conseguir a atenção do belo e misterioso anfitrião. Onde o mundo de que ela outrora fizera parte circulava sem a sua pessoa. Ficou durante um longo momento a espreitar o Duque de Marwick do outro lado do salão, alto, louro e empiricamente belo, com uma figura aristocrática que a devia ter feito suspirar, mas que, de facto, não lhe causava impacto.

O seu olhar desviou-se do homem do momento e pousou por instantes no brilho acobreado do cabelo de Arthur que, na outra extremidade do salão de baile, conversava com um grupo de homens mais sérios do que o ambiente que os rodeava. Gostaria de saber de que falariam. Seria dela? Estaria o irmão a tentar arranjar outra fornada de homens que pudessem servir a Felicity Acabada?

Não nos podemos dar ao luxo de ter outro escândalo.

Também não tinham podido permitir o último. Ou o anterior. Mas a família não desejava admiti-lo. E ali estavam, no baile de um duque, a fingir que a verdade não era verdade. A fingir que tudo seria possível.

Recusando acreditar que Felicity, simples, imperfeita, rejeitada, fosse incapaz de conseguir o coração e a mente e, mais importante ainda — a *mão* do Duque de Marwick, apesar de ele ser um eremita confuso.

Noutros tempos, tudo isso aconteceria e um duque eremita ter-se-ia ajoelhado e implorado a Lady Felicity que reparasse nele. Bom, talvez não chegasse a tanto e nem se ajoelhasse ou implorasse, mas teria dançado com ela. E ela tê-lo-ia feito rir. E talvez... talvez tivessem gostado um do outro. Mas era num tempo em que ela nunca sonhara olhar do exterior para a sociedade — em que nunca imaginara que a sociedade *tivesse* exterior. Afinal, estava no interior, era jovem, elegível, tinha um título e era divertida.

Tivera dezenas de amigos, centenas de conhecidos, bem como um largo número de convites para visitas, festas e passeios ao longo do Serpentine. Nem valeria a pena alguém realizar um evento se ela e as amigas não estivessem presentes. Nunca estava só.

Depois... tudo mudara.

Um dia o mundo deixara de brilhar. Melhor dizendo, *Felicity* deixara de brilhar. Os amigos desapareceram e, pior, voltaram-lhe

as costas, sem sequer tentarem ocultar-lhe o seu desdém. Tiveram prazer em cortar diretamente relações com ela. Como se outrora ela não tivesse sido como eles. Como se não tivessem sido amigos, o que, afinal, supunha ela, era verdade. Como poderia não ter reparado, como poderia não ter visto que eles nunca a tinham querido? E, a pior de todas as perguntas — *porque* nunca a tinham querido? O que fizera?

Felicity, a Idiota, não havia dúvida.

A resposta já não interessava — já passara demasiado tempo para que alguém se lembrasse. O que importava é que agora quase ninguém reparava nela, exceto para terem pena ou desdenharem.

Afinal, ninguém gostava de uma solteirona, muito menos o mundo que a obrigara a ser assim.

Felicity, outrora um diamante da aristocracia (bom, não um diamante, mas talvez um rubi. Uma safira, com toda a certeza — filha de um marquês, com um dote a condizer) era uma verdadeira solteirona, podendo apenas esperar no futuro toucas de renda e convites feitos por piedade. Se ao menos se casasse, gostava Arthur de dizer... poderia evitá-lo.

Se ao menos se casasse, gostava a mãe de dizer... *poderiam* evitá-lo. Porque por muito que ficar solteirona fosse um embaraço para a solteirona em questão, era vergonhoso para uma mãe — principalmente quando esta se saíra tão bem e conseguira casar com um marquês.

Assim, a família Faircloth ignorava o facto de Felicity ser solteirona, desejosa de fazer todos os possíveis para lhe arranjar o pretendente certo. Ignoravam igualmente a verdade dos desejos de Felicity — aqueles que o homem da escuridão imediatamente quisera conhecer.

A verdade. Que queria a vida que lhe fora prometida. Queria fazer de novo parte dela. E, se não fosse possível, pois francamente sabia que não era — afinal, não era tola — queria mais do que a consolação de um casamento. Era esse o problema de Felicity: queria sempre mais do que podia ter.

E isso deixara-a sem nada, ou não?

Felicity soltou um suspiro impróprio de uma dama. O coração já não lhe batia acelerado. Pensou que talvez fosse positivo.

— Será que posso partir sem que ninguém note?

As palavras tinham acabado de lhe sair da boca quando a enorme porta de vidro que dava para o salão de baile se abriu e por ela saiu uma dezena de convidados, com o riso nos lábios e as taças de champanhe nas mãos.

Foi a vez de Felicity se ocultar nas sombras enquanto os outros chegavam à balaustrada de pedra, sem fôlego, barulhentos e cheios de entusiasmo. Reconheceu-os imediatamente.

Pois claro.

Eram Amanda Faifax e o marido, Matthew. Lorde Hagin e Jared, Lorde Faulk e a irmã mais nova, Natasha, e mais outros dois — um casal — jovens, louros e cintilantes como brinquedos novos. Amanda, Matthew, Jared e Natasha gostavam de colecionar novos acólitos. Afinal tinham outrora colecionado Felicity.

Já fora o quinto elemento daquele quarteto. Adorada até deixar de o ser.

— Eremita ou não, o Marwick é incrivelmente bem-parecido — elogiou Amanda.

— E rico — comentou Jared. — Ouvi dizer que na semana passada mobilou esta casa com todo o conforto.

— Também ouvi o mesmo — concordou Amanda quase ofegante de emoção. — E também que anda a fazer a ronda pelos salões de chá das damas idosas.

Matthew gemeu.

— Se isso não o torna suspeito, não sei o que o tornará. Quem quer beber chá com uma dúzia de viúvas?

— Um homem que precisa de noiva — replicou Jared.

— Ou um herdeiro — sugeriu Amanda, espirituosa.

— Atenção, esposa — brincou Matthew, e todo o grupo riu, obrigando Felicity a recordar por um instante como era fazer parte daquelas piadas e brincadeiras e dos mexericos. Fazer parte daquele mundo cintilante.

— Teve de se encontrar com as viúvas para trazer para aqui toda a cidade de Londres, não é verdade? — Foi a exclamação da terceira mulher do grupo. — Sem a aprovação delas ninguém teria vindo.

Houve um momento de silêncio e depois os quatro soltaram gargalhadas, cujo tom quase passava da camaradagem à crueldade. Faulk inclinou-se para diante e deu uma pancadinha no queixo da jovem loura.

— Não és muito inteligente, pois não?

Natasha bateu no braço do irmão e fingiu uma expressão zangada.

— Jared, então? Como queres que a Annabelle saiba como funciona a aristocracia? Casou com uma pessoa tão mais importante do que ela que tem a sorte de nunca necessitar de o perceber!

Antes que Annabelle pudesse atingir o alcance das palavras perversas, Natasha inclinou-se e declarou em tom alto e lento, como se a pobre mulher fosse incapaz de entender o mais simples dos conceitos.

— Todos teriam vindo ver o duque eremita, minha querida. O homem podia ter aparecido nu que todos teríamos dançado alegremente com ele, fingindo não reparar.

— Da maneira que toda a gente falava da loucura do homem — exclamou Amanda —, creio que quase esperávamos que ele aparecesse despido.

O marido de Annabelle, herdeiro do Marquesado de Wapping, pigarreou e tentou ultrapassar o insulto feito à mulher.

— Bem, já dançou com uma dezena de damas esta noite. — Olhou para Natasha. — E também consigo, Lady Natasha.

O resto do grupo soltou uma risadinha enquanto Natasha se mostrava orgulhosa — todos exceto Annabelle que semicerrou os olhos na direção do seu risonho marido. Felicity considerou a reação profundamente gratificante, pois o marido em questão mereceria certamente qualquer castigo maldoso que a mulher estivesse a preparar por ele não ter saltado em sua defesa.

E agora era tarde demais.

— Pois sim — dizia Natasha, parecendo um gato que acabara de lambar um pires de natas. — E posso acrescentar que é um conversador brilhante.

— Ah sim? — perguntou Amanda.

— Sim. Sem o mínimo vestígio de loucura.

— Que interessante, Tasha — replicou como que por acaso Lorde Hagin, bebendo um pouco de champanhe para fazer uma pausa dramática. — Estivemos a observar toda a dança e ele não pareceu ter falado contigo uma única vez. — O resto do grupo riu, enquanto Natasha corava.

— Bom, mas foi evidente que *desejava* falar comigo.

— Brillhante, sem dúvida — troçou o irmão, brindando a ela com a taça de champanhe.

— E — prosseguiu Natasha —, apertou-me bastante... posso até dizer que resistiu ao desejo de me apertar mais do que o apropriado.

— Oh, sem dúvida — declarou Amanda, com um sorriso trocista que evidenciava a sua incredulidade. Revirou os olhos enquanto o resto do grupo ria. Isto é, o resto do grupo, exceto uma pessoa.

Jared, Lorde Faulk, estava demasiado ocupado a olhar para Felicity.

Bolas!

O olhar dele encheu-se de desejo e gozo, de um modo que fez com que Felicity sentisse o coração cair-lhe aos pés. Vira aquela expressão milhares de vezes e costumava ficar sem fôlego quando isso acontecia porque significava que estava prestes a ridicularizar alguém com o seu espírito maldoso. Agora ficava sem fôlego por uma razão diferente.

— Ora vejam! Pensei que a Felicity Faircloth tinha deixado o baile há muito tempo.

— Pensei que a tínhamos obrigado a sair daqui — declarou Amanda sem ver para onde Jared olhava. — Francamente, com a idade dela... e sem amigos com quem conversar... seria normal ter deixado de frequentar os bailes. Ninguém quer uma solteirona à espreita. É deprimente. — Amanda sempre tivera um dom notável para que as suas palavras fossem mais agrestes do que o vento de inverno.

— Contudo, ali está ela — declarou Jared com um sorriso trocista e acenou com a mão na direção de Felicity. Todo o grupo se voltou lentamente, como se de um repugnante quadro vivo se tratasse, seis sorrisos zombeteiros — quatro deles com muita prática e dois ainda algo incomodados. — Escondida nas sombras, à escuta.

Amanda investigou uma manchinha imaginária nas suas luvas.

— *Francamente*, Felicity. Que *cansativa*. Não haverá mais ninguém para perseguires?

— Talvez um lorde inocente cujos aposentos gostasses de explorar? — Aquilo viera de Hagin, que sem dúvida se considerava muito inteligente.

Mas não o era, embora o grupo não parecesse notá-lo, sempre a rir e a troçar.

Felicity odiou a onda de calor que se espalhou pelas suas faces, uma combinação de vergonha em relação ao comentário e também ao seu passado — ao modo como também ela costumava rir e troçar.

Encostou-se à parede, desejando poder fundir-se com ela.

O rouxinol que anteriormente ouvira cantou de novo.

— Pobre Felicity — disse Natasha para o grupo, com um tom de falsa piedade que provocou arrepios na pele de Felicity. — Sempre a desejar ser mais importante.

E foi assim que, ao ouvir aquela única palavra, *importante*, Felicity se apercebeu de que estava farta. Avançou para a luz, endireitou ombros, costas e coluna e lançou um olhar direto e muito frio para a mulher que outrora considerara sua amiga.

— Pobre Natasha — disse imitando o tom da outra. — Ora vejam, pensas que não te conheço? Conheço-te melhor do que qualquer outra pessoa aqui presente. Solteira como eu. *Simples* como eu. Aterrorizada perante a possibilidade de ser posta na prateleira. Como eu estive.

Natasha abriu muito os olhos ao ouvir a descrição. Felicity continuou até ao golpe final, desejando castigar aquela mulher, aquela que tão bem se fingira sua amiga e que tão bem soubera magoá-la.

— E, quando isso acontecer, esta gente não vai querer-te mais.

O rouxinol assobiou de novo. Não. Não era o rouxinol. O assobio era diferente, baixo e longo. Nunca ouvira um pássaro cantar assim. Ou talvez fosse o bater acelerado do seu coração que tornava o som estranho. Incentivada, voltou-se para as novas adições do grupo, que a olhavam com os olhos muito abertos.

— Sabem? A minha avó sempre me acautelou. Gostava de dizer que se podia julgar um homem pelos amigos que tinha. O ditado é em tudo verdadeiro em relação a este grupo. E deviam ter cuidado para não serem manchados pela fuligem dos seus membros. — Voltou-se para a porta. — Quanto a mim, dou-me por feliz por vos ter escapado.

Ao dirigir-se para a entrada do salão de baile, orgulhosa por ter feito frente às pessoas que a haviam consumido durante tanto tempo, havia palavras que ecoavam dentro dela.

A senhora será uma mulher muito importante.

Um sorriso brincava-lhe nos lábios ao recordar-se. De facto, era.

— Felicity — chamou Natasha, quando ela ia entrar.

Felicity deteve-se e voltou-se.

— Não nos fugiste — disse a outra, irritada. — *Expulsámos-te.*

— Natasha Corkwood era simplesmente... desagradável. — Já não te queríamos, por isso deitámos-te fora — acrescentou Natasha com palavras frias e cruéis. — Tal como todos o fizeram. Tal como sempre o farão. — Voltou-se para os convidados e soltou uma gargalhada demasiado alegre. — E aqui está ela, a pensar que consegue apanhar um duque!

Que desagradável.

Será o melhor que sabes fazer?

Não. Não era.

— O duque que *tencionas* caçar, certo? — Natasha sorriu trocista. — O duque que vai ser meu.

— Receio que seja tarde demais — declarou Felicity e as palavras saíram-lhe sem hesitar.

— Mas como é isso? — Era Hagin quem perguntava. Hagin com o seu ar arrogante e perfume nocivo, o seu penteado de príncipe de contos de fadas. E a pergunta foi feita num tom tão condescendente, como se falasse com ela por especial favor.

Como se não tivessem sido todos amigos. Mais tarde culparia a recordação dessa amizade pela resposta que dera. O murmúrio da vida que perdera num instante sem nunca perceber porquê. A arrasadora tristeza. O modo como fora catapultada para a desonra.

Afinal teria de haver alguma razão para ter dito o que dissera, tendo em conta o facto de que era uma pura idiotice. A mais completa loucura.

Uma mentira tão grande que eclipsava o Sol.

— Já vais tarde demais para o duque — repetiu, sabendo, mesmo enquanto as pronunciava, que devia reter aquelas palavras. Mas estas eram como um cavalo de corrida, soltas, livres e *selvagens*.

— Porque já o apanhei.

Capítulo 3



A última vez que Devil estivera no interior de Marwick House fora na noite em que conhecera o pai.

Atingira os 10 anos e, como tal, já não tinha idade para se manter no orfanato onde permanecera toda a sua vida. Devil ouvira boatos acerca do que acontecia aos rapazes que saíam do orfanato. Estava preparado para fugir, pois não queria enfrentar a casa de trabalho, onde, a acreditar nas histórias que contavam, provavelmente morreria e ninguém encontraria o seu cadáver.

Devil acreditara nas histórias.

Todas as noites, sabendo que era apenas uma questão de tempo até que o viessem buscar, arrumava os seus pertences — um par de meias grandes demais que roubara da lavanderia, um bocado de pão ou uma bolacha dura que guardara da refeição da noite, um par de luvas usadas por tantos rapazes que se lhes perdera a conta e com demasiados buracos para lhe aquecerem as mãos. E o pequeno alfinete dourado, que estava espetado nos panos que o envolviam quando fora encontrado em bebé, com um bordado onde se via uma magnífica letra M vermelha. O alfinete perdera o dourado havia muito, revelando ser apenas de latão, e o pano que outrora fora branco estava cinzento da sujidade dos seus dedos. Mas era tudo o que Devil possuía do seu passado e a única fonte de esperança que tinha para o futuro.

Deitava-se todas as noites na mais profunda escuridão, escutando o som dos choros dos outros rapazes, contando os passos para chegar do seu catre ao corredor, do corredor até à porta. Da porta até à noite. Era um excelente trepador e decidira seguir pelos telhados e não pelas ruas — seria assim menos provável que o apanhassem se o perseguissem.

Embora fosse pouco provável que alguém o perseguisse.

De facto, seria pouco provável que alguém o quisesse.

Ouvii passos soarem no fundo do corredor. Vinham atrás dele, para o levarem para a casa de trabalho. Rolou o corpo para um lado do catre, escondeu-se, apanhou as coisas e encostou-se na parede junto à porta.

A fechadura estalou e a porta abriu-se, revelando uma réstia de luz das velas, nunca vista no orfanato depois da hora de dormir. Correu nessa direção, saltando por cima de dois pares de pernas e chegando a meio do corredor antes que uma mão forte lhe apertasse o ombro e o erguesse do chão.

Estrebuchou e gritou, tentando morder a mão que o segurava.

— Valha-me Deus, este é duro de roer — disse uma voz de profundo barítono e Devil imobilizou-se ao aperceber-se desse som. Nunca ouvira ninguém falar num inglês tão perfeito e controlado. Susteve as intenções de morder e voltou-se para o homem que o segurava, alto como uma árvore e limpo como Devil nunca vira, com olhos da cor das lajes do aposento onde os obrigavam a rezar.

Devil não gostava muito de rezar.

Alguém ergueu a vela junto ao rosto de Devil e a chama brilhante obrigou-o a estremecer.

— É ele — disse o reitor.

Devil voltou-se mais uma vez para enfrentar o seu captor.

— Não vou para a casa de trabalho.

— Claro que não vais — dissera o desconhecido. Pegara no saco de Devil e abriira-o.

— Então! Essas coisas são minhas!

O homem ignorou-o e atirou as meias e as bolachas para o lado, mas levantou o alfinete à luz. Devil sentiu-se furioso só de pensar que aquele homem, aquele desconhecido, tocava na única coisa que ele tinha da mãe. Na única coisa que lhe restava do passado. Fechou os pequenos punhos e tentou agredir o homem elegante.

— Então! Isso é meu! Não pode tirar-mo.

O homem gemeu de dor.

— *Raios! Esse rapaz manda cada soco!*

O reitor encolheu-se.

— *Não aprendeu connosco.*

Devil fez má cara. Onde teria aprendido?

— *Devolva-me isso.*

O homem bem vestido obrigou-o a aproximar-se, acenando com o tesouro de Devil.

— *Foi a tua mãe quem te deu isto?*

Devil estendeu a mão e arrancou-o da mão do homem odiando o embaraço que veio com as suas palavras. Embaraço e saudade.

— *Sim!*

O homem assentiu.

— *Tenho andado à tua procura.*

A esperança quente e quase desagradável invadiu o peito de Devil.

O homem continuou:

— *Sabes o que é um duque?*

— *Não, senhor.*

— *Vais saber — prometeu.*

As recordações eram desagradáveis.

Devil percorreu furtivamente o longo corredor de Marwick House enquanto os acordes da orquestra murmuravam pelo espaço parcamente iluminado, vindos do andar de baixo. Há dez anos ou mais que não pensava na noite em que o pai o encontrara.

Mas, nesta noite, estando nesta casa, que afinal ainda tinha o mesmo cheiro, recordou-se de tudo daquela primeira noite. Do banho, da comida quente, da cama macia. De como adormecera e acordara num sonho.

E aquela noite fora um sonho.

O pesadelo começara pouco depois.

Afastando a recordação da mente, chegou ao quarto principal, colocou a mão no puxador, fê-lo girar rápida e silenciosamente e entrou.

O irmão estava à janela, com um copo na mão, o cabelo louro cintilando à luz das velas. Ewan não se voltou para Devil.

— Já tinha perguntado a mim mesmo se não virias esta noite — disse ele.

A voz era a mesma. Culta, sóbria e profunda, como a do pai.

— Falas como um duque.

— Sou o duque.

Devil deixou que a porta se fechasse atrás de si.

— Não foi isso que quis dizer.

— Sei o que quiseste dizer.

Devil bateu duas vezes com a bengala no chão.

— Não fizemos um pacto, há muitos anos?

Marwick voltou-se e revelou o seu perfil.

— Há 12 anos que ando à vossa procura.

Devil sentou-se no cadeirão baixo junto à lareira e estendeu as pernas para o lugar onde o duque se encontrava.

— Se ao menos tivesse sabido.

— Creio que soubeste.

Claro que tinham sabido.

Assim que atingiram a maioridade, um grupo de homens aparecera a farejar no bairro miserável e a fazer perguntas acerca de um trio de órfãos que talvez tivesse partido a caminho de Londres uns anos antes. Dois rapazes e uma rapariga com nomes que ninguém reconhecia em Covent Garden... ninguém, exceto os Bastardos.

Exceto os Bastardos e Ewan, o jovem Duque de Marwick, rico como um rei e com idade suficiente para dar bom uso ao dinheiro.

Mas oito anos naquele bairro tinham tornado Devil e Whit tão poderosos como inteligentes e ninguém falava nos Bastardos Bareknuckle com medo da vingança. Especialmente com forasteiros.

E como a pista arrefecia, os homens que vinham farejar perdiam o rasto e desistiam.

Porém, dessa vez, não fora um empregado que os procurara. Fora o próprio Marwick. E os seus planos eram melhores do que nunca.

— Calculo que tenhas pensado que, ao anunciar que andavas à procura de esposa, ias conseguir a nossa atenção — comentou Devil.

Marwick voltou-se.

— Deu resultado.

— Nada de herdeiros, Ewan — disse Devil, incapaz de usar o nome do ducado. — Foi isso o combinado. Lembras-te da última vez que não cumpriste o acordado comigo?

O duque encarou-o, zangado.

— Sim.

Nessa noite, Devil levava tudo o que o duque amava e fugira.

— E o que te leva a crer que não volto a fazê-lo?

— Porque desta vez sou o duque — declarou Ewan. — E o meu poder estende-se para lá de Covent Garden, por muito peso que tenham agora os teus punhos, Devon. Torno a tua vida um inferno. E não apenas a tua. A do nosso irmão, a dos teus homens. O teu negócio. Perderás tudo.

Valeria a pena. Devil fitou o irmão de olhos semicerrados.

— O que queres?

— Disse-te que viria buscá-la.

Grace. O quarto elemento do grupo, a mulher a quem Whit e Devil chamavam irmã embora não houvesse parentesco entre eles. A mulher que Ewan amara ainda quando eram crianças.

Grace a quem os três irmãos tinham prometido proteger havia tantos anos quando eram jovens e inocentes e antes da traição ter cortado os seus laços.

Grace que, com a traição de Ewan, se tornara no segredo mais perigoso do ducado, pois Grace era a verdade do ducado. Grace, nascida do antigo duque e da sua mulher, a duquesa. Grace que fora batizada como filha deles, embora à sua maneira fosse também ilegítima.

Porém, anos depois, era Ewan quem mantinha o nome batismal. Que mantinha o título que, por direito, não pertencia a nenhum deles.

E Grace, a prova viva de que Ewan roubara o título, a fortuna, o futuro — um roubo que a Coroa não deixaria passar.

Um roubo que, se descoberto, teria como consequência Ewan a dançar na ponta de uma corda à entrada de Newgate.

Devil semicerrou os olhos na direção do irmão.

— Nunca a encontrarás.

Ewan tinha uma expressão de fúria no olhar.

— Não lhe farei mal.

— És tão louco como o diz a tua preciosa aristocracia se pensas que acreditamos nisso. Não te lembras da noite em que partimos? Eu sim, de cada vez que olho para o espelho.

Marwick espreitou a face de Devil onde havia uma feia cicatriz que o recordava de como o facto de serem irmãos pouco importava quando se tratava de reclamar o poder.

— Não tive escolha.

— Todos tivemos escolha nessa noite. Tu escolheste o título, o dinheiro e o poder, e todos to permitimos apesar de o Whit querer eliminar-te antes que a podridão do nosso pai te consumisse. Deixámos-te viver apesar da tua vontade de nos ver mortos. Com uma condição... o nosso pai estava louco por um herdeiro e, embora tu o fosses para ele, apesar de falso, não teria a satisfação de obter uma linha deles... nem sequer na sua morte. Estaremos sempre em posições opostas nesta luta, duque. Nada de herdeiros, foi essa a regra. A única regra. Por causa disso deixámos-te em paz todos estes anos com esse teu falso título. Mas quero que saibas... se decidires ignorá-la, dou cabo de ti, e nunca mais terás a mínima felicidade nesta vida.

— Pensas tu que agora sou imensamente feliz?

Credo! Devil esperava que não. Esperava que nada fizesse o duque feliz. Deliciara-se com a lendária situação de eremita do irmão, sabendo que Ewan vivia na casa em que tinham sido postos uns contra os outros, filhos bastardos numa batalha para se tornarem legítimos. Ensinados a dançar e a comer, a falar com uma eloquência que contradizia a vergonha em que os três tinham nascido.

Esperava que todas as recordações de juventude consumissem o irmão, tal como ele se sentia consumido pelo arrependimento de se ter permitido ser o filho mimado de um monstro horrível.

Mesmo assim, Devil mentiu.

— Não quero saber.

— Há mais de dez anos que te procuro e agora encontrei-te. Os Bastardos Bareknuckle, ricos e impiedosos, gerindo só Deus sabe que sociedade criminosa em Covent Garden... o lugar onde nasci, devo acrescentar.

— Esse lugar expulsou-te quando o traístes. E a nós — declarou Devil.

— Fiz uma centena de perguntas num milhar de maneiras diferentes. — Ewan voltou-se, passando com raiva a mão pelo cabelo louro. — Nem mulheres, nem esposas, nem irmãs de quem falar. Onde está ela?

Havia pânico naquelas palavras, uma vaga sensação de que poderia enlouquecer se não recebesse uma resposta. Devil vivera na escuridão tempo suficiente para compreender os loucos e as

suas obsessões. Abanou a cabeça, enviando uma palavra de agradecimento aos deuses por as pessoas do Garden lhe serem fiéis.

— Está fora do teu alcance.

— Roubaste-ma! — O pânico transformava-se em raiva.

— Afastámo-la do título — disse Devil. — Àquela que enojava o teu pai.

— Que também era teu pai.

Devil ignorou a correção.

— O título que te enojava. Aquele que fez com que estivesses pronto para a matar.

O duque olhou para o teto durante um longo momento.

— Devia ter acabado *contigo* — disse depois.

— Ela teria fugido.

— Devia matar-te agora.

— Então nunca mais a encontras.

O queixo seu conhecido apertou-se num reflexo do maxilar do pai. Os olhos pareceram raivosos, mas depois vazios.

— Compreende então, Devil, não tenho interesse em cumprir a minha parte do contrato. Terei herdeiros. Sou um duque. Dentro de um ano terei uma mulher e um filho. Renegarei o nosso acordo a menos que me digas onde ela está.

A raiva de Devil explodiu, apertou o castão de prata da sua bengala. Deveria matar o irmão. Deixá-lo a sangrar naquele chão e dar à descendência de Marwick o merecido.

Tocou com a ponta da bengala na biqueira da bota preta.

— Farias bem em lembrar-te das informações que tenho a teu respeito, *duque*. Se se escapar uma palavra, serás enforcado.

— Porque não as usas? — A pergunta não era combativa como Devil esperaria. Quase parecia magoada, como se Ewan agradecesse a morte. Como se a mandasse buscar.

Devil ignorou aquilo de que se apercebera.

— Porque brincar contigo é mais divertido.

Era mentira. Devil teria de bom grado destruído aquele homem, outrora seu irmão. Mas havia muitos anos, quando ele e Whit haviam fugido da propriedade de Marwick e partido para Londres e para um futuro aterrador jurando proteger Grace, tinham feito outro juramento, desta vez à própria Grace.

Não matariam Ewan.

— Sim, creio que participarei no teu jogo tolo — prometeu Devil, levantando-se e batendo duas vezes com a bengala no chão. — Subestimias o poder do filho bastardo, irmão. As damas adoram um homem disposto a levá-las para um passeio na escuridão. Desonrarei com todo o prazer as tuas futuras noivas. Uma após outra, até ao fim dos tempos. Sem hesitar. Nunca terás um herdeiro. — Aproximou-se do irmão e olhou-o nos olhos. — Tirei a Grace debaixo de ti — murmurou. — Pensas que não sou capaz de afastar as outras?

O maxilar de Ewan endureceu de raiva apaixonada.

— Lamentarás tê-la afastado de mim.

— Ninguém afasta a Grace de coisa alguma. Foi ela que escolheu livrar-se de ti. Preferiu fugir. Não confiava que a conseguisses manter em segurança. Ainda por cima sendo ela a prova do teu mais terrível segredo — fez uma pausa. — Robert Matthew Carrick.

O olhar do duque enevoou-se ao ouvir o nome e Devil pensou que talvez os boatos fossem verdadeiros e Ewan estivesse de facto louco.

Não seria de espantar, com o passado que o assombrava. Que os assombrava a todos.

Mas Devil não quis saber e prosseguiu.

— Ela escolheu-nos, Ewan. E tratarei de que aconteça o mesmo com todas as mulheres que cortejares. Desonrarei todas elas com todo o prazer. E, ao fazê-lo, salvá-las-ei do teu louco desejo pelo poder.

— Pensas que não tens o mesmo desejo? Pensas que não o herdaste do nosso pai? Chamam-vos os Reis de Covent Garden... o poder, o dinheiro e o pecado rodeiam-vos.

Devil esboçou um sorriso irónico.

— Tudo conseguido por nós, Ewan.

— Roubado, queres tu dizer.

— Tu saberás algo acerca de futuros roubados. Acerca de nomes roubados. Robert Matthew Carrick, Duque de Marwick. Um belo nome para um rapaz nascido num bordel de Covent Garden.

Ao ouvir aquilo, o duque franziu a testa e os seus olhos pareceram ficar mais escuros.

— Então que tudo comece, irmão, pois parece que já arranjei noiva. Lady Felicia Fairhaven ou Fiona Farthing ou uma qualquer versão de um nome estúpido.

Felicity Faircloth.

Fora o nome que os idiotas da varanda lhe haviam chamado antes de terem troçado dela, pressionado e inspirado para que declarasse ter um noivo ducal, num escandaloso ataque de ousadia. Devil vira o desastre desenrolar-se, incapaz de a impedir que se imiscuísse nos assuntos do irmão. Nos seus assuntos.

— A melhor maneira de me convenceres de que não te preparas para magoar mulheres não será metendo nisto uma jovem inocente.

Ewan olhou o irmão nos olhos e Devil arrependeu-se imediatamente das suas palavras, pois viu naquele olhar o que Ewan pensava.

— Não tenciono magoá-la — declarou Ewan. — Vou casar com ela.

A desagradável afirmação irritou-o, mas Devil fez os possíveis por ignorar a sensação. Felicity Faircloth, a jovem de nome ridículo, estava definitivamente imiscuída. O que significava que não teria outro remédio senão contratá-la.

Ewan insistiu.

— A família dela está desesperada para conseguir um duque... tão desesperada que a própria dama nos declarou noivos esta mesma noite. E tanto quanto eu saiba, nunca nos vimos. Não há dúvida de que é uma simplória, mas não quero saber. Herdeiros são herdeiros.

Não era uma simplória. Era uma mulher fascinante. Sarcástica e curiosa, mais à vontade na escuridão do que ele pensara. E com um sorriso que fazia um homem reparar nela.

Era uma pena ter de a desonrar.

— Vou ter com a família da jovem e oferecer-lhes fortuna, título, tudo. O que for preciso. Os banhos serão afixados no domingo — declarou Marwick calmamente como se discutisse o tempo que fazia. — Casaremos dentro de um mês e em breve virão herdeiros a caminho.

Ninguém volta a entrar, pelo menos sem um casamento que valha a pena.

As palavras que Felicity pronunciara ecoavam agora em Devil. A jovem ficaria encantada com aqueles desenvolvimentos. O casamento com Marwick proporcionar-lhe-ia o que desejava. Um regresso heroico à aristocracia.

Só que não regressaria.

Porque Devil nunca o permitiria, tivesse ela ou não um belo sorriso. Embora isso tornasse ainda mais fácil a sua desonra.

Devil franziu a testa.

— Só vais ter herdeiros com a Felicity Faircloth por cima do meu cadáver.

— Pensas que ela preferirá Covent Garden a Mayfair?

Quero voltar a entrar.

Mayfair era tudo o que Felicity Faircloth desejava. Ele teria simplesmente de lhe mostrar o que mais havia para ver. Entretanto arremessou ao irmão a faca mais afiada.

— Creio que ela não será a primeira mulher a arriscar-se comigo em vez de passar a vida contigo, Ewan.

Atingiu-o em cheio.

O duque voltou o rosto para olhar de novo pela janela.

— Sai!

Ele faz-lhe uma proposta irrecusável.

Lady Felicity Faircloth é surpreendida na escuridão da varanda do salão de baile por Devil, um misterioso estranho que promete ajudá-la a conquistar o duque de Marwick. Felicity aceita a sua ajuda, mas com uma condição...

Mas quando ela retribui com uma perigosa exigência...

Apesar de solteira há mais tempo do que desejaria, Felicity apenas concordará com um casamento por paixão. Filho bastardo de um maquiavélico duque e líder temeroso das sombrias ruas de Londres, Devil vê em Felicity a possibilidade de dar início a uma terrível e prometida vingança que durante anos planeou.

A tentação torna-se demasiado irresistível.

Ao transformá-la numa mulher tentadora e irresistível, capaz de convencer o duque a pedi-la em casamento, Devil poderá construir a armadilha que lhe permitirá destruir o inimigo. Mas ao revelar o encanto de Felicity, Devil percebe que levar a cabo o seu plano não será, afinal, tarefa fácil. Ele terá agora de escolher entre o desejo de vingança e um outro tipo de desejo...

«Mesmo quando Sarah MacLean nos traz histórias dos recantos mais obscuros de Londres, consegue criar personagens que brilham em todo o seu esplendor, como Felicity, que se torna irresistível com a sua inteligência, misticismo e coragem.»

The New York Times Book Review

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-661-1



9 789896 686611

Ficção Romântica